

OS VIOLADORES DO JIPE VERMELHO



www.visaonline.pt

VISÃO

alcj

A história completa

Nº 437 • 26 JULHO A 1 AGOSTO 2001 • 480\$00 • €2,39

ESPECIAL

A BATALHA DE GÊNOVA VISTA POR DENTRO

Relato de três dias de caos e violência.
Os portugueses no protesto antiglobalização

ANÁLISE DE Boaventura Sousa Santos
ENTREVISTA COM José Saramago



AS

PAULO PENA (TEXTOS) E RUI XAVIER (FOTOS)
 • ENVIADOS ESPECIAIS A GÉNOVA

Uma nuvem de fumo cobre Génova. Vem do arsenal de *cocktails Molotov* lançados pelo grupo Black Bloc (BB) – um nome que a cidade tão depressa não esquecerá – e das bombas de gás lacrimogéneo com que a polícia tentou dissipar as manifestações.

Vestidos de preto, com capuzes, capacetes de mota e couraças de borracha, os BB eram facilmente reconhecíveis pelas protecções nos braços e nas pernas, feitas de garrafas de plástico vazias, cobertas com cartão e fita-cola castanha. E quando passavam, do lado de fora das manifestações, deixavam no ar um cheiro intenso a petróleo e um olhar ameaçador para os manifestantes pacíficos que tinham respondido ao apelo dos organizadores do Fórum Social de Génova (FSG).

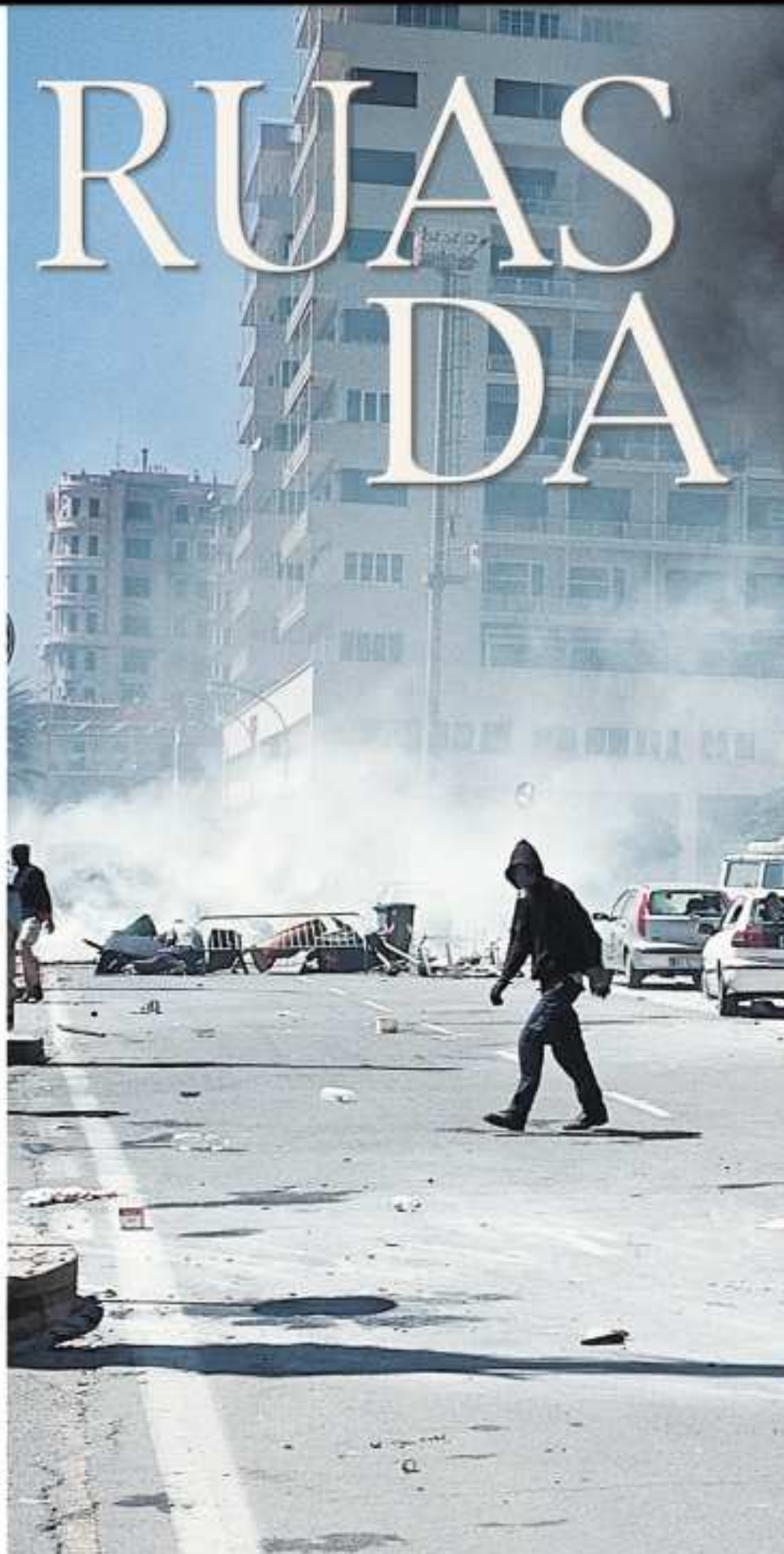
O balanço final de três dias de violência está directamente relacionado com a sua acção: uma morte, prisões em série, centenas de feridos, carros destruídos, muitas lojas queimadas. E inscrições de ironia, como a que foi deixada numa agência de viagens, agora reduzida a cinzas: «As pessoas são mais importantes que as coisas», escrito em francês, com um A de anarquia como assinatura.

Mas nem esse radicalismo de violência fez abrandar, entre os habitantes da cidade esventrada, as críticas à cimeira dos G8. António, um militar italiano era a prova disso: «Imaginem o que podia ser feito para acabar com a fome nos países pobres com o dinheiro gasto aqui, numa reunião...»

QUARTA-FEIRA, 18 OS PREPARATIVOS

O aeroporto e as principais estações ferroviárias da cidade foram encerrados. «Os media dizem há mais de um mês que isto vai ser uma batalha campal. Está tudo cheio de medo. Medo de rapazes? *Porca miseria!* Eu compreendo que tenham medo de um ataque terrorista, do Bin Laden, ou de outros desses. Agora rapazes?» ▶

RUAS DA



Cerca de 300 mil manifestantes disseram não à globalização do G8 e sitiaram os dirigentes mais poderosos do planeta. Mas foi a violência dos Black Bloc, pouco mais de mil guerrilheiros urbanos, e da resposta policial, que dominou as atenções e fez de Génova uma cidade em pé de guerra. Os repórteres da **VISÃO** seguiram por dentro os preparativos e o desenrolar dos acontecimentos dramáticos, que marcam uma época

REVOLTA



► Pela voz de Enzo, 50 anos, taxista barbudo, com um ar bonacheirão, exprimia-se a tensão de muitos genoveses antes de começar a batalha.

Mais de 200 mil foram «de férias» para longe do palco do mundo que se ergueu no histórico porto do Tirreno. As fronteiras estão rigorosamente vigiadas. As montras das lojas já estão cobertas de traves de madeira. Os *stands* retiraram os automóveis expostos, as bombas de gasolina guardaram as mangueiras de abastecimento. No aeroporto, montaram-se baterias de mísseis terra-ar, vigiadas por dezenas de militares dos EUA. Não há aviões na pista. Nas enseadas da frente marítima da cidade, lanchas patrulham a alta velocidade. Submarinos, mergulhadores, helicópteros e 15 mil homens da polícia e dos *carabinieri* (forças militarizadas) completam o contingente que, segundo os antiglobais, decretou um «estado de sítio».

Cidade-semáforo, o mapa de Génova é dividido em três cores: verde, sem restrições, amarela, condicionada, e vermelha, de acesso restrito. Depressa os manifestantes mudam as designações e baptizam-nas com duas metáforas políticas: Cidade Proibida e Muro de Berlim. Os 240 acessos à zona vermelha – que engloba o porto velho e o bairro medieval – foram cercados por contentores, a uma altura de três metros, reforçados com grades de aço com cinco metros de altura e barreiras de tanques. Um autêntico arsenal anticercos para uma guerra urbana.

O Fórum Social de Génova (FSG) está em marcha desde segunda-feira, 16. Pelas tendas de debate montadas na marginal da cidade passaram já dezenas



ESPERANÇAS

Apesar dos confrontos, o Fórum Social de Génova foi um espaço de união e debate livre

de oradores, discutindo a pobreza, as desigualdades, o trabalho, a discriminação e a paz.

Na Piazzalle Kennedy, alguns metros à frente, o FSG tem um palco para concertos e uma área de lazer, onde se juntam os mais jovens. O cantor Manu Chao ofereceu um bar gratuito onde se distribuem sandes, água e fruta. Chama-se Clandestino, como uma das suas canções mais emblemáticas. Na maneira de vestir, os seus frequentadores – o «povo de Génova» – assemelham-se aos jovens de qualquer outra cidade ocidental: há os *freaks*, os *new-age travellers*, os

punks, os cibernéticos, os despreocupados e os *casual-chic*.

Os cerca de 50 membros do Pink Bloc, grupo *gay* e lésbico, espelham esta heterodoxia. Discutem se devem, ou não, associar-se às acções de «desobediência civil» marcadas para sexta-feira, 20. De repente, um inglês ruivo pega nervoso no microfone: «Os métodos dos grupos anarquistas, como os Tutte Bianchi, chocam os sindicatos. Por isso acho que não devíamos participar.» Sérgio, espanhol, traduz. Diz-se «estafado», enquanto afunda os dedos na madeixa de cabelos brancos sobre a testa. Não



CONTRASTE

A manifestação de sábado reuniu 300 mil pessoas numa cidade que tinha ficado deserta com receio dos confrontos que se adivinhavam





tem mais de 30 anos. Depois de traduzir a opinião anterior usa da palavra para contra-argumentar: «Os Tutte Bianchi garantiram que não vão usar violência na marcha de sábado.» A maioria «aplaude» a intervenção de Sérgio de uma forma particular, agitando as mãos abertas à altura da cabeça.

Vittorio Agnoletto, médico, especialista em sida, porta-voz da contra-cimeira, anuncia que o objectivo é «reapropriarmos de Génova e dizer que a cidade é nossa». Génova livre, cantam.

Manu Chao entra em palco. Quando chega *Clandestino*, o hispano-francês pergunta: «*Qué pasa por la calle, Génova?*», uma espécie de «tá-se bem, Génova?» que leva a multidão de cinco mil pessoas a pular. Velhos, novos, crianças, muitos são os que sabem de cor as letras comprometidas do ex-vocalista dos Mano Negra. *Para uma cidade do norte fui trabalhar, a minha vida deixei-a entre Ceuta e Gibraltar*. São perto de 50 mil os emigrantes que às cinco da tarde de quinta-feira, 19, enchem as ruas de Génova para exigir direitos iguais na Europa.

SEXTA-FEIRA, 20

A GUERRA

Em plena zona vermelha, na Piazza Colombo (ilustre filho da terra, como Marco Polo), um ramo de louros homenageia a resistência durante a 2.ª Guerra Mundial. Uma placa, de 1949, «recorda

ESTÁDIO CARLINI

Cinco mil antiglobais dormiram em tendas durante a contracimeira. Deixaram a sua marca na arte e na raiva



aos homens nesta praça martirizada pelas bombas a iniquidade da guerra».

Na rua seguinte, com intervalos de 50 metros, grupos de 60 *carabinieri* a cavalo aguardam ordens. O «Avançar!» foi gritado à uma da tarde, em ponto –, poucos minutos depois da entrada dos chefes de Estado no Palácio Ducal. Estamos no dia da «desobediência civil» para os antiglobais. Os manifestantes começam a acercar-se das barreiras, na zona da Piazza Cavour. São pouco mais de cem do grupo Arci, pacíficos e desarmados. Em vez de procurarem derrubar as barreiras de aço depositam flores brancas nas grades.

Do lado leste, perto da estação ferroviária de Brignole, concentra-se o maior número de *carabinieri*. É ali que se prevêem os maiores confrontos com os Tutte Bianchi, grupo que esteve a treinar acções no maior segredo, no estádio Carli-

ni. Entre os seus cerca de 700 membros há códigos precisos, sinais de retirada e ataque. Utilizam o telemóvel para coordenar as várias frentes. Mas a guerra não é apenas uma sugestão cenográfica.

Chegam à Piazza Alimonda às três e meia da tarde. O primeiro grupo, de cerca de 20 elementos em tronco nu, corre para a frente e para trás, junto à barreira policial. Atrás estão milhares de manifestantes. Na rua paralela, a Via Tolemaide, os Tutte Bianchi aparecem em formação de combate. Vêm protegidos por enormes placas de acrílico, numa repetição da velha estratégia militar romana da «tartaruga», protegendo-se à frente, dos lados e em cima, com os escudos improvisados. Os da frente, com uma largura de quatro metros, têm rodas para facilitar a deslocação. A polícia lança jactos de água e as primeiras granadas de gás. A couraça vai resistindo. ▶



A FOGO E GÁS

Sexta e sábado foram dias de guerra. A nuvem de fumo no centro via-se a vários quilómetros de distância



► O nervosismo dos polícias aumenta. Carrinhas de *carabinieri* avançam pelas ruas para reforçar os pontos mais débeis. Os carros de assalto, com um espigão de ferro na frente, perseguem tudo o que se move. A imagem lembra Tiananmen, China, 1989, só que os manifestantes não ficam de braços abertos à espera dos tanques, correm à sua frente.

De repente, os *carabinieri* deixam de se preocupar com a defesa da zona vermelha. A couraça da tartaruga é tomada, no meio da confusão e da fuga. Os polícias fazem as primeiras prisões e impedem os fotógrafos e *cameramen* de as registarem. Uma adolescente italiana, loira, franzina, é empurrada por dois polícias enormes, pouco mais velhos que ela. Revistam-na com minúcia e atam-lhe os punhos com fitas de plástico grosso. Confiscam-lhe uma bomba ventiladora, contra a asma. A rapariga grita e chora convulsivamente.

O grito da morte

Pelo rádio os militares recebem a informação de que um grupo alheio à manifestação está a incendiar dezenas de carros a norte, do lado de lá do túnel, a caminho do estádio da Sampdoria. São os Black Bloc. Um nome a reter.

É já a uma distância considerável da zona de segurança que surgem os rumores: «Morreu um manifestante!» Enquanto a manifestação era rechaçada para longe, um jipe militar entrara na Piazza Gaetano

Alimonda e fora cercado por jovens. Como mostra um vídeo, Carlo Giuliani, 23 anos, filho de um dirigente sindical comunista, agarrou num extintor e quando se preparava para o arremessar contra o jipe foi atingido na cabeça, a dois metros de distância, por um *carabinieri*.

Poucos minutos depois, a praça acumula tensão, de um e de outro lado. Os pouco mais de 30 antiglobais insultam os perto de 50 *carabinieri* que montam guarda ao corpo descoberto de Carlo Giuliani. Por

entre as pernas dos militares é visível o rosto ensanguentado do jovem, nascido em Roma, habitante de Génova. Quando a ambulância chega para levar o corpo, os manifestantes avançam sobre a polícia e obrigam-na a uma retirada caótica. Umhas dezenas de granadas de gás caem no sítio onde o jovem fora baleado. A manifestação não dispersa, antes arranca flores vermelhas de um canteiro da praça, colocando-as na poça de sangue, coberta pela polícia com serradura.



VIOLÊNCIA

A acção dos *carabinieri* foi criticada em todo o mundo



PIAZZALE KENNEDY

Os Black Bloc barricaram-se, incendiando carros e lojas. Esta frente da batalha durou mais de duas horas

SÁBADO, 21

PAZ... E GUERRA

As bancadas do Estádio Carlini estão cheias. No campo de futebol pelado, totalmente coberto por duas tendas brancas, o único espectáculo disponível é o despertar dos cerca de cinco mil antiglobais que ali pernoitam. Na pista de tartan passam longas filas de jovens estremunhados, de toalha na mão, para o duche, montado nas traseiras do dormitório. Um banho de água fria livra-os do pó castanho que invade as roupas, os corpos, as narinas e os olhos de quem se estende vestido, em cima de um plástico ou de um saco-cama. O calor completa o sufoco.

Começam as reuniões matinais para discutir o programa de acções do dia. O assunto é Carlo Giuliani. Sabe-se agora que o *carabinieri* que disparou tem 20 anos. «Como é possível atribuírem funções tão arriscadas a recrutas de 20 anos impreparados?», pergunta-se.

Três mil jovens italianos do Partido da Refundação Comunista saem, silenciosos e apressados, pela porta do estádio. Um helicóptero da polícia vigia do alto as movimentações. Prepara-se a maior manifestação antiglobalização de sempre.

Objectivo: destruição

Os Black Bloc estão nas imediações da Piazzale Kennedy. Não se detêm com o

esquema de segurança idealizado por sindicalistas, operários, ecologistas, estudantes, militantes partidários, feministas, padres, freiras e agricultores. Rompem com agressividade a barreira de mãos que os separa dos *carabinieri*.

Em poucos minutos estão a lançar *cocktails* incendiários, pedras e barras de ferro. A polícia responde com gás lacrimogéneo. Enquanto milhares de manifestantes gritam e correm desordenada-



CENTENAS DE FERIDOS

Os manifestantes tinham um serviço próprio de socorristas

mente por entre o fumo, com os olhos cegos pelo gás, os encapuzados constróem uma barricada. Deslocam contentores metálicos de lixo, vidrões, incendeiam automóveis, partem montras. Os *carabinieri* intensificam o ritmo da chuva de gás para o meio da manifestação.

Não são mais de 1 500, no total. Ocupam posições estratégicas na cabeça, meio e cauda do cortejo de 300 mil pessoas que se estende por quase toda a avenida marginal. Comunicam por telemóvel e vêm, na maioria, da Alemanha. Mas também de todo o chamado primeiromundo: Inglaterra, EUA, Holanda, Suécia, França, Grécia, País Basco.

Em *Il Manifesto*, diário italiano, Rossana Rossanda, histórica dirigente de uma corrente pós-Maio de 68, descreve assim os BB: «Não têm nada a ver com a tradição anarquista nem com os anos 70. São a outra face da homogeneização total, o desejo da destruição total. São a exclusão que morde quem a produz, e não se trata só de uma exclusão económica. Não têm projecto, não procuram alianças, sentem-se o inimigo.» A inimizade atinge tudo e todos. Lojas, casas, polícias, jornalistas, manifestantes.

«Aproveitam-se das manifestações da esquerda mas não é claro que sejam sequer de esquerda.

Os seus métodos são fascistas», critica Giovanni, um manifestante de Milão, «meio vermelho, meio negro», ou seja, um «comunista libertário». O líder dos Tutte Bianchi, Luca Casarini, diz possuir provas do envolvimento da polícia nas acções do Black Bloc. ▶



DYLAN MARTINEZ/REUTERS



DYLAN MARTINEZ/REUTERS



► Os *brancos* de Casarini são uma antiga organização ecologista, dos inícios da década de 80, que se converteu num grupo de acções espectáculo, especialista em guerrilha urbana. Mas com uma diferença essencial: os Bianchi prometeram, e cumpriram, não participar na manifestação de sábado com métodos violentos.

«A manifestação acabou aqui», lamenta Silvia, uma enfermeira de Roma, que contempla a coluna de fumo negro à sua frente. Os carros incendiados e o gás lacrimogéneo, os helicópteros que sobrevoam o local, o barulho das explosões e as mãos abertas e erguidas dos manifestantes incrédulos tomam conta da marginal.

Os BB revesam-se na frente da barricada. Chamados por telemóveis ou pela coluna negra que se avista a quilómetros de distância, grupos do comando *okupa*

acorrem à acção. Silvia e outros dois manifestantes de meia idade agarram um deles pelo ombro: «O que é isto? Vocês são o melhor que podia ter acontecido a Berlusconi. Vocês estão a destruir isto tudo.» O jovem não contra-argumenta e liberta-se daquela conferência com um movimento brusco. Ao lado, os *negros* partem as montras de um banco e de uma agência de viagens. Entram, revolvem as mobílias e pegam fogo aos papéis.

Três bandeiras portuguesas

No grupo de 17 militantes do Partido Comunista Português (PCP), que chegou a Génova na tarde de sexta-feira, 20, após 36 horas de viagem em três carrinhas, reina a tese da «infiltração». Os BB «servem os interesses do G8» e a polícia «nada faz para os isolar da manifestação pacífica». Foi por isso que resolveram

participar apenas no cortejo de sábado, deixando de lado a hipótese de se juntarem à «desobediência civil» da véspera. Mas espera-os mais do mesmo...

A faixa que trouxeram de Portugal já está recolhida, para não atrapalhar as fugas. Diz: «Contra a globalização imperialista, solidariedade internacionalista». Ironicamente, são as três bandeiras nacionais a revelar-se imprescindíveis. É assim que procuram manter-se juntos. «Mantenham as bandeiras nacionais ao alto camaradas, baixem as do partido», pede Ângelo Alves, membro do Comité Central. As bandeiras do PCP são iguais a outras que ondulam na manifestação. A portuguesa sim, é única.

Estudantes, operários e sindicalistas estarrecem com a batalha campal. Não trazem máscaras antigás, nem água, nem os limões que aliviam os olhos depois da nu-





DYLAN MARTINEZ/REUTERS

DYLAN MARTINEZ/REUTERS



vem de fumo. E é a primeira vez que se vêem num cenário destes.

É à volta dele que todos convergem quando caem as primeiras granadas de gás. Quase todos procuram fugir, correr, encostar-se aos muros. Zé Pedro avalia a hipótese de se lançarem ao mar. «Calma camaradas, não corram, mantenham-se juntos e no sítio onde estão», recomenda Ângelo, no meio da agitação. Uma das cápsulas de gás acertou em cheio nas costas de Álvaro Estragadinho, 19 anos, o mais jovem do grupo. «Eu quero sair daqui», diz, quase em pânico. Os outros procuram rir com o nervosismo «do Estragadinho». Rir ajuda a manter a serenidade.

O helicóptero muda de direcção e o silêncio instala-se. «Quer dizer que vão parar de mandar gás», diz o dirigente comunista. O grupo reúne-se. A marcha segue, desta vez pelo caminho inverso. Há confrontos a 500 metros e a polícia parece dar sinais de não querer distinguir os manifestantes dos BB. O gás é lançado em larga quantidade bem no meio do cortejo. Rosa, a única mulher do grupo, agarra-se ao ombro do manifestante da frente. Tem sede. As garrafas de água, distribuídas pelos organizadores da marcha, ficaram bloqueadas noutra segmento do cortejo.

Às quatro da tarde, a gigantesca manifestação dividiu-se em dezenas de grupos, de cinco a dez mil manifestantes. Todo o centro da cidade, excluindo as zonas interditas pela cimeira do G8, está ocupado por colunas de protesto.

Os perto de 50 jovens do PSR chegaram a Génova depois do almoço. A camioneta onde seguiam ficou retida na fronteira francesa para averiguações da polícia italiana. «Revistaram todas as malas», conta Luís Branco, 27 anos, director do jornal *Combate*. Uma das ▶

A MORTE DE CARLO GIULIANI

O filme da tragédia mostra como tudo se passou. O jovem recebeu uma das balas disparadas e foi atropelado na fuga dos carabinieri

Cimeira pobre dos ricos



WENDY SCHWEGMANN/REUTERS

BUSH, CHIRAC, BERLUSCONI E PUTINE

Os líderes das maiores potências mundiais estiveram barricados numa reunião discreta e pouco conclusiva

A polémica cimeira dos sete países mais industrializados do mundo (G7) mais a Rússia (G8, portanto) encerrou os trabalhos de três dias no Palácio Ducal de Génova com a distribuição de um comunicado bastante vago em que reitera o principal compromisso assumido em Colónia em 1999 e em Okinawa em 2000: apoio à iniciativa de redução da dívida dos países pobres. E a pouco mais se limitaram as conclusões (pelo menos, as que foram tomadas públicas) do encontro dos grandes. Para que conste, declararam a intenção de «implementar medidas para manter o crescimento sustentado», ratificaram o apoio aos países mais pobres, prometeram desenvolver todos os esforços para que a OMC lance em

princípios de Novembro uma nova ronda de liberalização do comércio mundial, apoiaram os planos de saneamento económico dos Governos da Argentina e da Turquia (países, como se sabe, a braços com crises gravíssimas), manifestaram preocupação com a escalada de violência no Médio Oriente e comprometeram-se a intensificar as negociações com vista a alcançar padrões internacionais de qualidade no domínio da segurança alimentar. A mais negativa de todas as notas foi a insistência americana na recusa de assinar o protocolo de Quioto e a atitude do Japão de só o fazer se os EUA o fizerem – posições de que os países europeus e o Canadá procuraram, em vão, demovê-los.

► peças revistadas foi o vídeo de campanha do Bloco de Esquerda. «A comissária exigiu ver o que continha, em *fast-forward*.»

O atraso impediu-os de assistirem ao cortejo, como planeado. Depararam-se com a parte da manifestação que conseguiu chegar à Piazza Ferraris, o local do comício. Ali assistiram a alguns confrontos naquele lado da cidade.

Encontraram Filipe Rosas, director-clínico do Hospital de Santarém, acompanhado do filho Alfredo, em Génova desde quarta-feira, 18. «Foi uma experiência fantástica. Quisemos estar aqui, ver como tudo se passava. A manifestação dos emigrantes foi fabulosa», recorda o médico.

DOMINGO, 22

O DIA SEGUINTE

A invasão da sede do FSG pelos *carabinieri*, na madrugada, é conhecida pela multidão que abandona Génova. Nos comboios repletos não se fala de outra coisa. «Eles não tinham mandato. Arrasaram tudo, prenderam toda a gente. Isto é um Estado fascista», queixa-se Giulio.

Por entre o cheiro a gás e a incêndio que ainda se sente, os primeiros trabalhos de limpeza começam na cidade. Indiferentes, os lojistas vão varrendo os cacos. Os hospitais começam a divulgar a extensão da guerra. Centenas de feridos (mais de 500). A lista das especialidades é imensa: neurocirurgia, neurologia, ortopedia, cirurgia. Além dos «normais» traumatismos, intoxicações por gás e contusões.

Enrico abana a cabeça, pesaroso, no comboio para Milão. «Eu vi tudo. Vi um polícia a bater num pai que levava uma bebé ao colo. Vi uma velhota ser empurrada pelos *carabinieri*. Vi os Black Bloc a cumprimentarem a polícia e a entrarem nos quartéis», afirma, peremptório. Enrico talvez seja um mitómano. O seu relato, além de muitas incongruências, revela o lado negro da batalha de Génova.

Perto da Estação Ferroviária de Brignole, Ettore Scola olha para o chão com uma máscara antigás posta. O realizador italiano, que dirigiu o projecto *Cinema Italiano em Génova* (um grupo de 40 jovens realizadores produzem um documentário conjunto sobre as manifestações antiglobalização), diz não ter muito para dizer. «Que é que eu vejo aqui? Vejo o que todos vêem, o que podem ver», diz, apontando para uma avenida que ainda cheira a guerra. Global. ■



OLHOS ARDENTES

A polícia usou e abusou do gás lacrimogéneo para repelir as manifestações

IDEIAS

A revolução do milénio

A organização é informal mas a mobilização é tremenda. Contra as multinacionais e a globalização económica o povo de Seattle dá a volta ao mundo

Há uma nova geração que conquistou a cena política. Temos de lhes passar o testemunho.»

Fausto Bertinotti, líder do Partido da Refundação Comunista, italiano, deixou-se conquistar pela mobilização sem precedentes do Fórum Social de Génova. Debaixo de uma tenda, numa noite de chuva, os velhos dirigentes da esquerda europeia tecem rasgados elogios a um «movimento de movimentos», novo, desconhecido, crescente.

Reforma agrária, anulação da dívida do Terceiro Mundo, taxação das transacções financeiras especulativas, diminuição drástica das emissões poluentes são as principais propostas dos antiglo-

bais. Por estas ideias batem-se, ininterruptamente, há três anos. Os nómadas que protestam contra a economia liberal global não têm descanso.

Jorge Araújo, 65 anos, editor português de *Le Monde Diplomatique*, explica porquê: «No plano económico e financeiro, a globalização tem sido a organização das empresas multinacionais à escala do mundo. No plano político e social, aprofunda as desigualdades e reduz as condições de exercício da soberania nacional, pelo poder e pelo intervencionismo crescente dos grandes grupos financeiros e dos países ricos nas outras partes do mundo.»

Na linha da frente dos protestos, desde Seattle, estão as reuniões de instâncias ►



ÂNGELO ALVES, PCP

Os 17 militantes do PCP viveram em Génova uma carga policial violenta



FILIFE ROSAS

Esteve quatro dias em Génova com o filho e dormiu num estádio de futebol

O DIA DEPOIS

A destruição dos Black Bloc ofuscou a vitória do Fórum



► supranacionais de controlo financeiro, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional ou a Organização Mundial do Comércio. Mas o movimento também tem uma componente cultural forte. Ignacio Ramonet escreve que «o homem 'mundial', isto é, o átomo infra-humano, esvaziado de cultura, de sentido e de consciência do outro» é o corolário do economicismo.

Sem fronteiras

Portugal é a 42.^a potência económica mundial. À sua frente estão os restantes parceiros da UE e... dez multinacionais. Este é o argumento mais importante para o eurodeputado comunista Joaquim Miranda, presente em Génova, ao lado de Bertinotti e Krivine. «A contestação a esta globalização neoliberal passa pelo movimento de Génova, mas também pelo que fizermos nos nossos países.» Por isso, não sabe «se está na altura de passar o testemunho», como defende o seu camarada italiano.

Mas este movimento conhece poucas fronteiras. É, sobretudo, do chamado primeiro mundo. Até porque, como salienta Ignacio Ramonet, existem menos linhas telefónicas em toda a África Negra que na cidade de Tóquio, ou na ilha de Manhattan, em Nova Iorque.

Nas manifestações de Génova foi visível a componente *high-tech* do movimento. Dezenas de manifestantes gravaram os acontecimentos em modernas câmaras *Digital Video*, que permitem a difusão imediata, pela Internet, das imagens recolhidas. Ou o apoio de *hackers*, militantes da causa, que sabotaram o site da coligação Força Itália, do primeiro-ministro Silvio Berlusconi. ■

ALAIN KRIVINE

'Revolta mais contestatária que o Maio de 68'

Aos 60 anos, o eurodeputado trotskista e ex-dirigente da revolta de Paris em Maio de 1968 analisa os novos movimentos antiglobais e compara a ira do «povo de Génova» com a dos estudantes barricados no Quartier Latin.

VISÃO: Como avalia as mobilizações de Génova e a operação de segurança montada?

ALAIN KRIVINE: Ao declararem o «estado de guerra» em Génova, os grandes do mundo disseram «nós temos medo». Creio que se trata de uma homenagem do vício à virtude. De resto, é um sinal da força desta nova geração e uma vitória clara do movimento antiglobalização.

V: O que é que caracteriza este movimento antiglobal?

AK: Está tudo em aberto... Este é, sem dúvida, um fenómeno novo. Julgo tratar-se de um movimento anticapitalista, mas não de um movimento revolucionário. Há muitos pontos de convergência e de divergência, aliás uma não pode existir sem a outra. Há pessoas aqui que consideram que o capitalismo pode ter um rosto humano, outras que apenas recusam a adaptação das esquerdas social-liberais ao poder, outras que recusam a caricatura que foi o estalinismo... Em grande medida, estes jovens são órfãos de uma política. Os partidos aqui



KRIVINE

Para o antigo dirigente estudantil, o movimento antiglobalização é uma vitória de Marx

presentes precisam de encontrar com eles uma simbiose refundadora. É preciso ajudar, aprender e ouvir o movimento.

V: É possível comparar esta revolta com a de Maio de 68, da qual foi um dos principais dirigentes?

AK: O Maio de 68 foi uma crise-charneira. Ali começou um novo movimento social. Este movimento antiglobalização é menos programático, mas é mais contestatário. A grande crítica que apresenta a todos os aspectos da mercantilização é uma vitória de Marx.